

# A CAPOEIRA COMO POSSÍVEL INSTRUMENTO DE PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA: EXPERIÊNCIA NO CEC ITACORUBI - FLORIANÓPOLIS

Marcos Cordeiro Bueno<sup>1</sup>

Paulo Ricardo do Canto Capela<sup>2</sup>

Bruno Emmanuel Santana da Silva<sup>3</sup>

## Resumo

*Este trabalho objetivou analisar a prática do ensino da capoeira para as crianças e adolescentes do Centro de Educação Complementar do Itacorubi pautada na construção da práxis revolucionária. Como problemática levantou-se a questão de qual é a contribuição da capoeira como instrumento de formação humana para a práxis revolucionária dos educandos e educandas deste espaço educativo. Para a resposta deste problema nos propusemos a construir uma pesquisa analisando os dados de registro de quase quatro anos de prática pedagógica com a capoeira nesta instituição, a fim de evidenciarmos se a capoeira pode ou não ser um instrumento de práxis revolucionária.*

**Palavras Chave:** Capoeira, Formação Humana, Práxis Revolucionária.

## Abstract

*This study aimed to evaluate the practice of teaching capoeira for children and adolescents of the Center for Complementary Education Itacorubi guided the construction of revolutionary praxis. As problems arose the question of what is the contribution of capoeira as a tool for human development for the revolutionary practice of students this educational area. To answer this problem we set out to build a research analyzing log data from nearly four years of teaching practice capoeira in this institution in order to make evident that her may or may not be an instrument of revolutionary praxis.*

**Key Words:** Capoeira, Human Development, Revolutionary Praxis.

## Resumen

*Este estudio tuvo como objetivo evaluar la práctica de la enseñanza de capoeira para niños del Centro de Educación Complementaria Itacorubi guiado en la construcción de la praxis revolucionaria. Como problema surgió la cuestión de cuál es la contribución de capoeira como una herramienta para el formación para la praxis revolucionaria de los estudiantes. Para*

---

<sup>1</sup> Professor Substituto de Educação Física da Universidade Federal de Rio Grande – FURG, Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Física da ESEF/UFPEL e membro do Grupo de Capoeira Roda Livre. Email: [cangururiogrande@gmail.com](mailto:cangururiogrande@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Mestre do Curso de Educação Física da UFSC; Pesquisador vinculado a Rede CEDES/UFSC. Email: [pcapelasc@gmail.com](mailto:pcapelasc@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Mestre do Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI; Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC e membro do Grupo de Capoeira Chapéu de Couro. E-mail: [brunochapeudecouro@yahoo.com.br](mailto:brunochapeudecouro@yahoo.com.br)

*responder a este problema nos propusimos construir una investigación analizando los datos de casi cuatro años de la enseñanza de la práctica de capoeira en esta institución a fin de hacer evidente que la misma pueden o no ser un instrumento de la praxis revolucionaria.*

**Palabras-Clave:** Capoeira, Formación Humana, Práxis Revolucionaria.

## **Introdução e Estratégias Metodológicas.**

Toda sistematização de uma pesquisa de longa duração não é tarefa fácil, porém a mesma se faz necessária quando o foco é a socialização do conhecimento e, mais do que isso, a perspectiva de sua concretização na prática. Esta é a proposta deste trabalho. De maneira humilde, mas ousada, nos propusemos a sistematizar um relato de experiência sobre quatro anos de intervenção com a capoeira em uma unidade educativa pública de Florianópolis.

De março de 2006 a Dezembro de 2009, foram ministradas aulas de capoeira no Centro de Educação Complementar do Itacorubi (CEC – Itacorubi) para crianças e adolescentes moradores do Morro do Quilombo<sup>4</sup>.

Para a obtenção dos dados da pesquisa nos valem das técnicas de *inquérito*, da *observação* e da *análise documental* (LESSARD-HEBERT et al. 1994).

No que diz respeito à *observação* recorreremos a BRUYNE, et. al., 1982, quando distinguem, fundamentalmente esta, em duas formas: observação direta e sistemática e observação participante, sendo que os autores consideram a observação participante como tendo vocação tipicamente qualitativa.

Para o nosso caso, adotamos a observação participante, ou seja, a participação como observador e capoeirista, através da qual procuramos interagir e compartilhar com o cotidiano dos sujeitos, observando e registrando suas ações e seus depoimentos – como outra das nossas estratégias para a coleta de dados. Isto também significa dizer que foi da riqueza dos registros dos acontecimentos ao longo de quase quatro anos de trabalho com a capoeira no CEC Itacorubi que possibilitaram a sistematização desta pesquisa.

Também buscamos outras pesquisas que trataram ou foram próximas de nosso tema de estudo, além de irmos a fundo no que diz respeito aos conceitos que tratam nosso entendimento sobre a *capoeira*, a *educação física*, a *cultura corporal*,<sup>5</sup> a *revolução* e a *práxis revolucionária*. A reflexão acerca destes conceitos nos fundamentou para a posterior análise dos dados da pesquisa.

A análise dos dados foi realizada a partir destes métodos das ciências sociais e humanas e, dos entendimentos sobre a capoeira como possível instrumento para a práxis revolucionária, buscamos coletar dados sobre os valores, práticas e opiniões das crianças e adolescentes do CEC Itacorubi, bem como dos fatos cotidianos que circundam o ambiente do CEC, ou seja, o que vai para além do que acontece durante as aulas de capoeira, a fim de captar a riqueza do cotidiano dos mesmos, sem perder de vista uma análise social mais ampla.

<sup>4</sup> Comunidade periférica de Florianópolis.

<sup>5</sup> A ordem em que colocamos estes conceitos diz respeito: Primeiro ao fato da capoeira ser um bem cultural existente minimamente sistematizado antes do campo do conhecimento científico *educação física* existir; Segundo, porque só a partir da obra do COLETIVO DE AUTORES, 1992, que passou a ser defendido o conceito de *Cultura Corporal*, sendo este o objeto de estudo da educação física.

## Justificativa

Por já se ter uma experiência na prática da Capoeira desde 1997, nos interessou estudar, a partir do acesso ao conhecimento no curso de Educação Física e a conclusão do mesmo, a própria com o intuito de aprofundar a nossa própria prática com a capoeira para desenvolvê-la profissionalmente enquanto instrumento de educação.

Com a inserção no curso de educação física da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC no ano de 2002, passamos a construir certo entendimento a respeito do que se tratava “aquele curso” que tinha relação com a capoeira. Porém este juízo acerca do que trata a educação física só foi efetivamente ampliado a partir do ingresso no Movimento Estudantil de Educação Física (MEEF).

E foi nesse cotidiano de trabalho que construímos o seguinte questionamento como problema de pesquisa: *Qual é a contribuição da capoeira como instrumento de formação para a práxis revolucionária dos educandos e educandas do CEC Itacorubi?*

Nós não estamos nem um pouco satisfeitos com a forma que a capoeira vem sendo degenerada de seus valores genuínos; nem um pouco satisfeitos com o trato hegemônico que a mesma vem recebendo dentro dos espaços educativos; muito menos satisfeitos com a situação atual da educação, no sentido do desamparo do estado para com a mesma e a precária formação de seus educadores e educadoras; menos contentes ainda com o sistema desumano em que vivemos e que tem determinado a produção da vida da sociedade brasileira e do mundo: a forma capital. Por tudo isso e muito mais, justificamos nosso trabalho no sentido de primeiro: Avançarmos no âmbito da intelectualidade de uma proposta de ensino da capoeira voltada para a construção da práxis revolucionária; E segundo, termos essa produção como mais uma ferramenta de educação servindo como “arma” ideológica para a revolução (PISTRAK, 2003).

## A Capoeira, a Educação Física e a Cultura Corporal.

Como já construímos uma primeira síntese sobre nosso entendimento da história da capoeira – BUENO, INÁCIO e SILVA, 2010, aqui nos ateremos mais à questão de como a capoeira se estabelece e deve ser reivindicada em se tratando de conteúdo da educação física e fenômeno da cultura corporal.

Também vemos como importante, esclarecer que a nossa hipótese teórica é construída tendo como principal referência o artigo *Capoeira e Projeto Histórico* de TAFFAREL (2005). Esta obra serve como base para todos os capoeiristas e pesquisadores da capoeira que defendem outro projeto de sociedade, pautado nos valores socialistas.

Para a autora e em concordância com a mesma

A capoeira é um bem cultural produzido socialmente, acumulado, transmitido e praticado historicamente em dadas relações de produção da vida. Portanto, para entendermos com radicalidade o momento atual do desenvolvimento da capoeira é preciso partir do grau de desenvolvimento das forças produtivas, lembrando que o homem faz a sua história, mas não somente como ele quer, mas sim, conforme o grau de desenvolvimento

das forças produtivas e o legado deixado pelos que nos antecederam (TAFFAREL, p. 75, 2005).

Sendo um bem cultural, a capoeira pode ou não ser um instrumento de práxis revolucionária, uma vez que

...as abordagens da questão da capoeira centradas na ética, na ciência, na educação, na compreensão de cultura popular e na normatização/monitorização reguladas pelo mercado e/ou pelo Estado, são limitadas quando desprovidas [...] de um projeto histórico explícito, superador do modo do capital organizar a produção [...] sejam eles materiais ou não” (TAFFAREL, p. 75, 2005).

A nossa defesa de construção pedagógica para o ensino da capoeira parte da defesa deste projeto de sociedade.

Dito isto defendemos que o desafio maior hoje de todos os praticantes de capoeira e principalmente de seus trabalhadores é, para nós, o de garantir que sem perder seu caráter dinâmico e transitório, a capoeira possa ser tratada com um caráter improdutivo para o capital e principalmente que garanta direitos para seus trabalhadores e humanidade para seus praticantes. Ousamos nessa defesa porque entendemos que o processo de mercadorização da capoeira hoje a coloca de forma hegemônica no campo dos esportes competitivos, das disputas por sobrevivência dos próprios capoeiristas que aos socos e pontapés muitas vezes não têm o esclarecimento de que estão na mesma condição de classe e portanto devem se unir para que se tenha alguma chance de garantir seus direitos e a preservação de sua cultura.

E é com base nesta defesa que já apontamos para nosso projeto a apropriação da capoeira pela Educação Física a partir de seu objeto de estudo: A Cultura Corporal. A re-atualização destes conceitos (capoeira, educação física e cultura corporal), em nosso entendimento se fez necessária em virtude do distanciamento que grande parte dos pesquisadores de nossa área (Educação Física) tem tido com relação à obra do COLETIVO DE AUTORES, 1992 – *Metodologia do Ensino de Educação Física* e a defesa do projeto histórico de sociedade que o mesmo nos aponta.

Voltando para a capoeira, mas dialogando dialeticamente com a Educação Física, entendemos que as aulas de capoeira e a prática da capoeira em si e para si podem ter um horizonte muito mais ampliado se partirem deste referencial teórico acerca da educação física. No entanto não temos como propósito o de desvalorizar o conhecimento não sistematizado construído ao longo da história da capoeira, muito menos desmerecer seus grandes mestres que garantiram que a mesma perdurasse até os nossos dias. Pelo contrário, nossa intenção com esta pesquisa e agora com este trabalho foi e é de instrumentalizar os capoeiristas para que sem desmerecer esses conhecimentos não sistematizados cientificamente, consigam fazer uma leitura crítica da construção histórica da capoeira que, de elemento de resistência, vem cada vez mais se tornando uma mercadoria a serviço do capital.

### **Revolução e Práxis Revolucionária: Apresentando Conceitos, Defendendo Necessidades Históricas**

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. (MARX e ENGELS, p. 27, 1987)

Esta reflexão inicial nos serve para apontar que é a partir da produção de meios de subsistência que o homem constrói a história, porém a força motriz da mesma é para nós, em concordância com os autores, a Revolução. “Na realidade, para o materialista prático, isto é, para o comunista, trata-se de revolucionar o mundo existente, de atacar e transformar, praticamente, o estado das coisas que ele encontrou.” (Ibid, p. 66) [grifos do autor]

Marx e Engels foram os precursores do ideário científico do materialismo histórico e dialético e apontaram com um recorte classista que o caminho para a emancipação humana perpassa pela construção de uma sociedade socialista como meio de transição para o comunismo. Porém apontam que para o êxito desta alternativa a revolução é o caminho e, em quatro pontos apresentam o caráter necessário desta revolução a partir desta concepção de história apresentada há pouco<sup>6</sup>.

No ambiente universitário, e no caso, no curso de educação física são raros os momentos em que nos deparamos com discussões ou estudos que apontem para a revolução. Menos ainda se encontra esse debate nas rodas de capoeira, apesar de tantos mestres a reivindicarem como instrumento de resistência. TAFFAREL e ESCOBAR, 2008, ao aprofundarem o que é a Educação Física priorizam “estimular a atitude crítica, [...] em relação à grande parcela da intelectualidade brasileira da área que insiste em elaborar explicações mistificadoras da realidade, mantendo ilusões e contribuindo para o atraso da revolução. (p. 01)

Já nas rodas de capoeira pouco se sabe, mas CAPOEIRA, 2000, em sua pesquisa histórica afirma que mestre Bimba, um dos mais venerados mestres da capoeira, possuía uma ligação com o partido comunista de sua época, apesar de sua prática pedagógica possuir um cunho militarista.

Uma faceta das mais curiosas de Bimba, desconhecida até por seus alunos mais chegados, nos é revelada por Muniz Sodré em entrevista a CAPOEIRA, 2000:

Bimba tinha um entendimento do poder, de como podia se expandir utilizando a classe média, por outro lado ele tinha raiva do Sistema: pouca gente sabe, mas ele era militante do partido (comunista); não só militante, mas cabo eleitoral do PC. Arregimentou toda aquela gente do candomblé e da capoeira do nordeste de Amaralina. Em seguida ao golpe (de 1964), Bimba estava com medo de ser preso. Muito sem graça, como se tivesse dado um fora tremendo, me falou: ‘Pois é, Americano, você sabe que dizem que o Decânio é dos *homens* (da polícia, do serviço secreto do Exército). (p.77)

Isto é um dado histórico, mas serve de exemplo para nós capoeiristas não nos limitarmos a aprendizagem técnica, mas buscarmos a história de nossa prática, inclusive no que diz respeito a defendê-la como instrumento de resistência ou não. Para nós, não

<sup>6</sup> Ver os quatro pontos em MARX e ENGELS, p. 107-109, 1987.

só a capoeira pode ser um instrumento de resistência, mas mais do que isto, uma ferramenta para a revolução ousando em especular se Bimba não tinha este mesmo ideário quando fazia parte do Partido Comunista Brasileiro.

Esclarecendo o entendimento de revolução, partimos para a ferramenta necessária para a construção da mesma, ou seja, da práxis revolucionária.

A doutrina materialista sobre a alteração das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são alteradas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Ela deve, por isso, separar a sociedade em duas partes - uma das quais é colocada acima da sociedade. A coincidência da modificação das circunstâncias com a atividade humana ou alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como **práxis revolucionária**. (MARX e ENGELS, p. 12, 1987) [grifo nosso]

Alguns autores do campo marxista<sup>7</sup> apontam como sendo o momento em que Marx redigiu estas teses<sup>8</sup>, o início da externalização da compreensão do mesmo acerca de sua síntese sobre a *filosofia da práxis*. O nosso referencial de práxis é pautado a partir destes autores e, conseqüentemente está imerso na busca pela transformação social no sentido da emancipação e, portanto na revolução. A prática produtiva (transformação da natureza perante o trabalho humano) com a prática revolucionária (transformação da sociedade mediante a ação dos homens), são duas formas inseparáveis da práxis social total (VAZQUEZ, 2007). Segundo Lênin, 1960, o estabelecimento da unidade entre teoria e prática, entre socialismo e ciência, coloca no lugar fragmentado de prática produtiva e prática revolucionária, a práxis revolucionária.

Contudo é importante destacar que nossa compreensão parte principalmente da obra de VAZQUEZ, 2007, uma vez que nos faltaram tempo e formação para ousarmos nos aprofundar nas concordâncias e divergências sobre o conceito práxis.<sup>9</sup>

### **Analisando a Prática Concreta**

Para esta análise, antes de mais nada, é necessário o esclarecimento que esta pesquisa não vem sendo construída há quase quatro anos. A nossa prática com a capoeira no CEC Itacorubi é que congrega esta trajetória. E é com base nesta prática, que julgamos como necessário sistematizar este trabalho, apontando nossas contradições, limites e avanços, com vistas à utilização da capoeira como um possível instrumento de práxis revolucionária, além da re-significação de sua prática e a valorização da mesma enquanto bem cultural.

---

<sup>7</sup> VAZQUEZ, 2007, menciona os marxistas que aprofundam o conceito filosófico de práxis, desde suas concordâncias às suas controvérsias. São eles – Bukharin, Lukács, Korsh e Fogarasi, nos anos 20 e pouco tempo depois com a mesma base de concordância Gramsci; posteriormente Althusser, Schaff, Kosik, Rutkevich, Gaidukov, Davidova e Eles; por fim o autor ainda destaca as obras do grupo ‘práxis’ e dentre seus integrantes os que se destacaram foram Petrovic, Marcovic, Vranicki, Supek, Grlic e Kangrga .

<sup>8</sup> Teses Sobre Feuerbach (In: MARX e ENGELS, 1987)

<sup>9</sup> Em nossos estudos monográficos nos apropriamos de várias outras obras inclusive sobre capoeira que discutem o conceito de práxis. Sugerimos a leitura na íntegra de BUENO, 2009.

E como nosso espaço aqui é muito curto para apresentar todo este percurso de prática pedagógica com a capoeira, elencaremos apenas alguns momentos de nossos estudos monográficos que julgamos como fundamentais para justificarmos nossos objetivos.

O espaço físico do CEC, no ano de 2006 e até novembro de 2007, era um antigo restaurante alugado no bairro do Itacorubi e “enjambrado” como espaço educacional. Para variar, não havia espaço adequado, ou mesmo mínimo para ministrar uma aula de capoeira para 20 crianças e adolescentes. O jeito era encontrar outros meios.

Desde o começo de nossas intervenções já colocávamos para os educandos e educandas que aquele espaço do CEC poderia ser diferente e melhor se as autoridades dessem conta de sua obrigação para com a educação e a comunidade estivesse organizada para reivindicar as devidas melhorias.

A alternativa para a concretização de nossas aulas era caminhar com todas as crianças cerca de vinte minutos até a praça mais próxima, na qual possuía uma quadra de cimento sem cobertura, mas no tamanho ideal para o ensino da capoeira.

Nossa estratégia então para mobilizarmos as crianças de uma forma que todas fossem juntas para a praça diminuindo assim o perigo do movimento da rua, foi o de ensiná-las músicas de capoeira ao longo deste percurso. Quanto mais as crianças aprendiam e cantavam, menos eram os riscos de acidente. Além disso, eram nesses momentos em que os educandos e educandas mais voltavam suas atenções para nossa mensagem e, com isso, aproveitávamos para cultivar valores críticos com vistas à práxis revolucionária.

Ao ensinarmos as músicas com suas reflexões, apontamos que da mesma forma que os *capoeiras* de antigamente eram tratados como vagabundos, na atualidade as diferenças sociais entre os moradores do Morro do Quilombo e dos donos da *Coca-Cola*, por exemplo, é absurdamente distante, ao passo que para essa situação ser transformada, é preciso que tenhamos a mesma ‘resistência’ nos dias de hoje, como tinham os *capoeiras* de épocas passadas, não apenas com a resposta na ponta da língua, mas com atitude prática transformadora.

E assim da mesma forma em que um indiano conduz a cobra com o som de sua flauta, nós levávamos as crianças para a praça ao som do berimbau e das cantigas da capoeira.

Além desta prática, em nossos estudos monográficos ainda pode-se encontrar outros exemplos concretos de nossas intervenções, tais como:

A construção de eventos de capoeira caracterizados numa perspectiva revolucionária;<sup>10</sup>

A luta e a conquista de um espaço melhor para o CEC Itacorubi;

A mística como ferramenta ideológica para a práxis revolucionária;

As produções culturais (apresentações teatrais, a puxada de rede e o maculelê, viagens e oficinas).

## Conclusão

Temos clareza que muitas foram as brechas deixadas em nosso trabalho, mas isto não é desculpa para nossos equívocos, apenas uma auto-crítica pertinente para também reafirmar nossas conclusões. E, se por algumas vezes fomos já concluintes em

<sup>10</sup> Sobre este tópico, vale o destaque que já há uma sistematização na forma de artigo intitulada: “Capoeira em Florianópolis: A experiência dos Mangaios. (BUENO e SILVA, 2010 – nuprelo)

algumas questões durante este trabalho, não o fizemos por ingenuidade, mas sim porque perspectivamos a construção de todo o conhecimento científico de forma dialética, nos utilizando da lógica formal ao mesmo tempo em que a desconstruímos almejando assim sua própria superação e conseqüentemente a efetivação desta transformação no real concreto (KOSIK, 1976).

Produzir um trabalho que sirva de subsídio reflexivo para a comunidade capoeirana, no intuito da apropriação do método materialista histórico e dialético para o ensino da capoeira, foi o que nos propusemos a fazer ao longo deste percurso. E foi por essa razão que nos dedicamos ao aprofundamento dos conceitos de *capoeira, educação física e cultura corporal*.

Sobre a capoeira, buscamos uma síntese crítica de sua história que nos apontou como hipótese de que a mesma pode até ter sido cultivada nas matas ou nos quilombos, mas o seu desenvolvimento enquanto luta corporal só aconteceu a partir da década de 1850, período que compreendeu a ascensão burguesa no Brasil e culminou com o fim da escravidão em 1888, momento esse de ápice do caos urbano. O negro liberto para não morrer de fome se viu no direito de prestar suas virtudes de malandro para os mais variados ofícios que iam desde de ladrão a segurança de um político abolicionista, republicano ou monarquista.

Além disto, a atualização do debate da defesa da capoeira enquanto conteúdo da cultura corporal, fez-se necessário uma vez que, se nós capoeiristas almejamos uma sociedade justa humana e igualitária, precisamos nos apropriar de um projeto histórico que possa dar conta de superar o capitalismo e assim garantir a preservação de nossa cultura além de direitos reais para os trabalhadores das tradições culturais e não apenas no papel.

Assim sendo, nos propomos como meta para as próximas produções também nos apropriarmos da última edição do COLETIVO DE AUTORES, 2009, que traz as reformulações de seus autores, com suas aproximações e seus distanciamentos da teoria proposta em 1992.

Sobre os conceitos de *Revolução* e de *Práxis Revolucionária*, buscamos evidenciar que o caminho para o socialismo é a revolução. Mas não no sentido que muitos revisionistas posteriores a Marx e Engels apontaram, dos quais a própria dialética e a história vem sendo negada para dar origem as produções “pós críticas” ou “pós-modernas”.

Como defendemos a revolução como caminho, a obra *As três fontes* (LENIN, 2005) nos serviu para elencarmos que nossa tarefa é o do auxílio para a construção das *condições subjetivas* para a mesma, ou seja, o da promoção da práxis revolucionária em todos os campos da formação humana, inclusive no caso do ensino da capoeira.

A práxis revolucionária é como diria GUEVARA, 1987, a base de construção para tornar o extraordinário em cotidiano, porém, a produção da vida a partir da forma capital, sem um coletivo mínimo de resistência e formação, inviabiliza a construção da práxis revolucionária. Esta ponderação vem no sentido de apontarmos que a filosofia da práxis vem permeando nossas aulas de capoeira, porém a construção revolucionária somente a partir do trabalho da capoeira, torna-se muito frágil na consciência de nossos educandos e educandas e com sérios riscos de perder-se.

A discussão dos dados obtidos ao longo desses quase quatro anos de trabalho com a capoeira no CEC Itacorubi, articulado ao nosso conhecimento sobre a teoria revolucionária, pôde materializar que existe sim a possibilidade de tratar a capoeira enquanto um instrumento de práxis revolucionária.



Mas somente a um projeto mais amplo articulado aos demais trabalhadores da capoeira, de forma que vislumbrem a construção deste mesmo projeto histórico de sociedade, é que se poderá consolidar nossa teoria, para assim como os demais movimentos sociais de luta (MST, do MEEF, dos Sindicatos, etc.), possamos organizar também a nossa vanguarda.

A análise de nossa prática pedagógica apontou que a capoeira pode ser tratada com base em uma perspectiva revolucionária, aliando o conhecimento popular da capoeira ao conhecimento produzido por educadores que vem materializando essa articulação, educação – projeto histórico, como é o caso de PISTRAK, 2003, ARENHART, 2007, SILVA, et al, 2007, FALCÃO, 2004, ARAÚJO, 2008, TEIXEIRA, 2009 e tantos outros que nos faltou perna para articulá-los em nossa pesquisa.

Essa análise também nos apontou que são poucas as crianças e adolescentes do CEC Itacorubi que tem uma clareza mínima, acerca da dimensão revolucionária na qual tratamos a capoeira. Porém, a maioria destas se identifica com a nossa prática de ensino e em muitos momentos pudemos vislumbrar alguns avanços no nível de consciência das mesmas.

O último questionamento que nos inquietou de maneira a o elegermos como objetivo de pesquisa foi se a capoeira pode se caracterizar como experiência de luta, organização e soluções sócio-políticas às questões concretas da vida cotidiana. A nossa conclusão é que sim.

Primeiro pelo fato de tratarmos o conceito de *luta* da mesma forma que o MST, ou seja, que o conflito, o combate, ou enfrentamento deve ser tratado em todas as instâncias possíveis, inclusive segundo MATIELLO JÚNIOR, 2002 apud ARENHART, 2007, em homenagens, frases de camisetas, em poesias, etc.

Segundo porque nossas crianças encontram nas aulas de capoeira, um espaço em que são respeitadas como seres humanos de direitos e não discriminadas ou violentadas por sua condição de classe.

Terceiro porque nas aulas de capoeira, nós não nos bastamos ao ensino prático motor, mas sim a uma compreensão de capoeira enquanto bem cultural que demarca a resistência do povo negro, aliando à realidade histórica em que os mesmos foram tratados nos períodos principalmente próximos a abolição, com a realidade atual de injustiça e desamparo social na qual vivem os moradores do Morro do Quilombo.

E quarto, mas não menos importante, pelo exemplo de não termos medo de nos posicionar contra qualquer injustiça contra qualquer pessoa, em qualquer situação de nosso cotidiano, de forma a servirmos de referência para os educandos e educandas que ainda possuem auto-estima e não foram completamente destruídos conscientemente pelo capital. Com isso, as soluções sócio-políticas às questões concretas da vida cotidiana, não serão resolvidas pela capoeira, mas pela formação humana proporcionada pela nossa prática com a capoeira, quando determinado educando ou educanda também se abrir para esse conhecimento, não no sentido de uma educação bancária, mas no sentido do estabelecimento de relações humanas igualitárias.

Contudo, a contribuição da capoeira como instrumento de formação para a práxis revolucionária dos educandos e educandas do CEC Itacorubi, entendendo esta como uma necessidade histórica, pois os mesmos de alguma forma já são ou serão os responsáveis pela transformação de nossa sociedade, não só foi tamanha, como também, a nosso ver, pode servir de base para os demais capoeiristas que tiverem acesso a esta pesquisa. Contudo é necessário que o mesmo tenha como objetivo não somente “melhorar” sua prática pedagógica, mas que efetivamente esteja insatisfeito com o sistema em que vivemos e que se coloque como mais um intelectual orgânico a serviço

da classe trabalhadora. Capoeiristas e defensores das demais tradições culturais de cunho popular: Uni-vos!!!

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, B. C. L. C. **A Capoeira Na Sociedade Do Capital: A docência como Mercadoria-Chave na Transformação da Capoeira no Século XX.** (Dissertação). Centro de Ciências da Educação – UFSC, Florianópolis, SC, 2008.
- ARENHART, D. **Infância, Educação e MST: Quando as Crianças Ocupam a Cena.** Chapecó: Argos, 2007.
- BRUYNE, P; HERMAN, J. e SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências sociais: os Pólos da Prática Metodológica.** 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- BUENO, M. C. **A Capoeira como Possível Instrumento de Práxis Revolucionária no CEC Itacorubi.** (Monografia). Centro de Desportos – UFSC, Florianópolis, SC, 2008.
- BUENO, M. C.; SILVA, B. E. S. **Capoeira em Florianópolis: A Experiência dos Mangaios.** Didática Sistêmica, Nuprelo, Rio Grande, RS, 2010.
- BUENO, M. C.; INÁCIO, D. S.; SILVA, R. **Aspectos do Desenvolvimento da Capoeira no Brasil: De Seus Primeiros Passos a sua Inserção na Atual Reestruturação Produtiva do Capital.** In: **XXIX Simpósio Nacional de Educação Física.** (Anais) Escola Superior de Educação Física – UFPEL, Pelotas 2010.
- CALDART, R. **Pedagogia do Movimento Sem Terra.** 3º Edição, São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CAPOEIRA, N. **Fundamentos da Malícia.** 6º Edição, Rio de Janeiro: Record, 2000.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Editores Associados, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Editores Associados, 2º Edição, 2009.
- FALCÃO, J. L. C. **O Jogo da Capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana.** (Tese de Doutorado) Faculdade de Educação – UFBA, Salvador, BA, 2004.
- FERNANDES, F. **O que é Revolução?** Edição Integral, São Paulo: Circulo do Livro S.A., 1981.
- GUEVARA, C. **Revolução Cubana.** Passagens da Guerra Revolucionária. 10º Edição, São Paulo: Edições Populares, 1987.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 7a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. 244p. (Perspectivas do homem; v.48. Serie filosofia)
- IASI, M. **O Processo de Consciência.** São Paulo, 2º edição. 1999.
- IASI, M. **Ensaio Sobre Consciência e Emancipação.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

- KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 2ª Ed., São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- LENIN, V. **As Três Fontes**. 2º Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- LENIN, V. **O Trabalho Artesanal dos Economistas e a Organização dos Revolucionários**. In: BOGO, A. (org.) **Teoria da Organização Política I**. São Paulo: Expressão Popular, 2005
- \_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1960.
- LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G. e BOUTIN, G. **Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas**, Lisboa, Instituto Piaget, 1994.
- MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Vol. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&M, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 6º ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. 3º Edição, São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003.
- REGO, W. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.
- TAFFAREL, C. N. Z. **Capoeira e Projeto Histórico**. In: SILVA, A. M. e DAMIAMI, I.A. **Práticas Corporais**. Volume 1, Florianópolis: Editora Naembla, 2005.
- TAFFAREL, C. N. Z. e ESCOBAR, M. O. **Mas Afinal, o que é Educação Física? Reafirmando o Marxismo Contra o Simplismo Intelectual**. Salvador, 2008. Disponível em: [www.faced.ufba.br/rascunhodigital](http://www.faced.ufba.br/rascunhodigital) Acesso em: 20 de Outubro de 2009.
- TEIXEIRA, D. R. **A Necessidade Histórica Da Cultura Corporal: possibilidades emancipatórias em áreas de reforma agrária - MST/Bahia**. (Dissertação de Mestrado) Centro de Ciências da Educação – UFSC, 2009.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa e ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VASQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Contato: [brunochapeudecouro@yahoo.com.br](mailto:brunochapeudecouro@yahoo.com.br)